

**Identidade e memória da Capoeira Angola
nas ruas do Rio de Janeiro**

Copyright © Charles Monteiro de Oliveira, 2020

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610,
de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados,
sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA: Sobre desenho de Carybé

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO: Ana Clara S. Moita

REVISÃO: Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O46i

Oliveira, Charles Monteiro de, 1984-

Identidade e memória da capoeira Angola nas ruas do Rio de Janeiro / Charles Monteiro de
Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

122 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87594-51-4

1. Negros - Identidade étnica - Rio de Janeiro (RJ). 2. Escravos - História - Rio de Janeiro (RJ).
3. Capoeira - História - Rio de Janeiro (RJ). I. Título.

20-67741

CDD: 796.81098153

CDU: 796.819(815.3)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Charles Monteiro de Oliveira

**Identidade e memória
da Capoeira Angola
nas ruas do Rio de Janeiro**

LETRAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)

João Luiz Pereira Domingues (UFF)

João Medeiros Filho (UCL)

Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Lina Boff (PUC-RIO)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sergio Azevedo (UENF)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Aos mestres, contramestres, treinéis, alunos,
toda a comunidade capoeirista, que de alguma
forma contribuíram para a concretização
deste trabalho.

Espero ter atendido suas expectativas e,
assim, oferecer mais uma referência bibliográfica
que possa ser útil mais à frente.



Agradecimentos

Aos mestres e contramestres dos grupos, por aceitarem participar deste trabalho voluntariamente e por confiarem em mim quanto a sua execução, dignificando a capoeira: mestre Carlão, mestre Célio, mestre Cláudio, mestre Manoel, mestre Peixe, contramestre Fábio e contramestre Japa.

A minha mestra Cris, do Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruanda, do qual faço parte e que, também, contribuiu neste trabalho. Destaco seus ensinamentos durante os treinos, que me fizeram refletir sobre o tema escolhido.

A todos do grupo Mocambo que, a cada treino, a cada roda de capoeira, a cada conversa colaboraram com discussões do dia a dia que ilustravam as correlações necessárias para este trabalho.

Aos amigos e colegas capoeiristas que em conversas informais ajudaram a ampliar minha percepção sobre as rodas de capoeira no sentido de resistência cultural e que fizeram com que me identificasse como um dos seus.

Em especial, quero agradecer à capoeirista, professora de dança afro e mestra em Educação, Ludmilla de Lima Almeida, que colaborou, carinhosamente, com seu trabalho de mestrado e discursos relativos à identidade do negro e da negra.

Pode até parecer clichê, mas tenho que agradecer imensamente a minha querida superorientadora, professora e historiadora, Laura Olivieri Carneiro de Souza, que me encorajou e acreditou até mais do que eu neste trabalho. Sua experiência e visão acadêmicas despertaram em mim habilidades que irei aperfeiçoar e explorar futuramente.

Importante, também, foi a atenção, paciência e sensibilidade indispensáveis de minha amiga e companheira de treino, a antropóloga, pesquisadora e professora Bianca Arruda. Lendo, relendo e tecendo comentários na condução da pesquisa que

culminou neste trabalho. Acredito que, sem ela, eu não conseguiria dar um ponto final e estaria escrevendo até agora.

Aqui, cumpro a promessa que fiz a mim mesmo de agradecer a outra amiga do curso de Pós-Graduação em Responsabilidade Social e Terceiro Setor, a assistente social Lena Germano. Superincentivadora, separava um tempinho – enquanto fazia seu TCC – para ouvir meu desabafo em momentos de estafa e fazer com que eu não desistisse, como tantas vezes pensei em fazer. Esteve sempre comigo desde as primeiras discussões sobre a escolha do tema até o último minuto na entrega deste trabalho.

Por fim, e não menos importante, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se concretizasse e, por razão de espaço, não pude citá-los nominalmente aqui. E que o Universo conspire a favor!

Sumário

Prefácio	11
Introdução	15
1. Panorama da formação social brasileira e as manifestações de resistência ao sistema colonial escravista nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.....	23
1.1 O quilombo e a capoeira como manifestações de resistência.....	30
1.2 As temíveis maltas: conflitos entre si e contra a ordem social	38
2. Luta e resistência cultural na afirmação da identidade da capoeira	47
2.1 Por uma identidade legítima: o grito de luta.....	53
2.2 Capoeiras e malandros: o mundo da desordem dentro da ordem social carioca.....	59
2.3 Lutar e resistir no jogo da literatura	63
2.4 No jogo da resistência, a institucionalização da capoeira: a trajetória da capoeira angola e da capoeira regional	69
2.5 A Capoeira Angola no Rio de Janeiro	76
2.6 Sobre a roda de Capoeira Angola e a expressão simbólica de um mundo	78
3. Conexão carioca de rodas na rua: a afirmação de uma resistência cultural afro-brasileira	84
3.1 O jogo da vida: a contribuição das rodas de capoeira como um espaço de discussão para as questões sociais.....	87
4. Considerações finais	111
Referências	118
Anexo	122



Prefácio

Por Luiza Helena Nunes Ermel

“Isto ocorreu com a capoeira, se aceitarmos o que sobre a sua origem nos propôs Adolfo Morales de los Rios Filho. Ele a tinha como um jogo atlético genuinamente nacional, nascido entre os negros estivadores cariocas, na antiga Peaçaba, no sopé do morro do Castelo. Dali, essa ‘criação feita pelos fracos – o negro e o mestiço – contra o forte, o branco’, ter-se-ia, talvez na segunda metade do século XVIII, propagado pelo Rio e ganho outras cidades brasileiras.”

Alberto da Costa e Silva¹

Conheci Charles Monteiro de Oliveira quando fui convidada para participar da banca de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de “Especialização em Responsabilidade Social e Terceiro Setor” do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), monografia intitulada “Lutas e resistência cultural na afirmação de identidade e memória da Capoeira Angola nas ruas do Rio de Janeiro”. O convite partiu de sua orientadora e professora da disciplina “A Questão Social no Brasil” no curso acima mencionado, Laura Olivieri Carneiro de Souza.

Laura, historiadora, mestre em História Social da Cultura e doutora em Serviço Social pela PUC-Rio, desde que cursava a graduação na universidade sempre acompanhou a minha participação no mundo da capoeira, fosse como aluna do “Grupo Irmãos” de capoeira, fosse como professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, quando fui responsável pela elaboração e realização de inúmeros projetos interdisciplinares, interdepartamentais, nacionais e internacionais de ensino, pesquisa e extensão voltados para a preservação da cultura da capoeira carioca.

¹ In: “Prefácio”. Adolfo Morales de los Rios Filho. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, 2. ed., p. 25.

Este introito talvez possibilite ao leitor entender o meu entusiasmo ao tomar conhecimento do trabalho produzido por Charles Monteiro. Uma enorme afinidade entre nós se estabeleceu por valores e princípios comuns. Em primeiro lugar porque o autor é capoeira, aluno da Mestra Cris do grupo de capoeira angola “Mocambo de Aruanda”. Segundo, por ter sido aluno de um curso de excelência em Responsabilidade Social que trata da Questão Social em uma de suas disciplinas. Em terceiro lugar, porquanto sendo capoeira e aluno deste programa de pós-graduação, Charles teve a coragem de fazer da sua própria prática de capoeira objeto de estudo e pesquisa social para o seu trabalho de conclusão de curso. Pude ainda constatar o quanto foi capaz de se distanciar da sua prática, admirá-la e construir um trabalho de pesquisa sobre ela. Algo de total qualidade e autenticidade, elaborado em parceria e cumplicidade com a professora orientadora e de todos os mestres e alunos dos grupos de capoeira que participaram do projeto “Conexão Carioca de Rodas de Rua”, a saber: Grupo Capoeira Angola Mocambo de Aruanda; Aluandê Capoeira Angola; Associação de Capoeira Angola Mestre Marrom e Alunos; Kabula Artes e Projetos; Grupo Capoeira Angola Volta ao Mundo; Grupo de Capoeira Angolinha; Grupo de Capoeira Angola Ypiranga de Pastinha, e Grupo Unificar de Capoeira Angola.

Assim, o autor, com um olhar de dentro e outro de fora da capoeira, estabeleceu uma linha de estudo e pesquisa de modo a apresentar as diversas formas de existência, resistência e sobrevivência da capoeira, desde o Brasil Colônia até os nossos dias.

Sua pesquisa é sobre a capoeira como manifestação cultural, considerando o período colonial escravista (1500-1822), passando pelo Brasil imperial (1822-1889), momento em que o autor prioriza e foca na capoeira praticada na cidade do Rio de Janeiro (a história das Maltas, da Guerra do Paraguai e os soldados capoeiristas egressos do conflito). Ao chegar ao Brasil republicano (1890), destaca a elaboração do Novo Código Penal da República, que impõe o banimento da capoeira da sociedade, sob o pretexto moralizador, a cargo do chefe de polícia, transformando a arte da resistência afrodescendente em delito, contravenção e crime. É o fim das Maltas, e o fim de uma cultura de rua.

A Revolução de 1930 põe fim à “República Velha” ou “República do Café com Leite”. Getúlio Vargas assume o poder e “a intenção dos literatos dessa época era reformular a ideia de identidade nacional, valorizando as manifestações populares e culturais (entre elas a capoeira), resgatando-as como matrizes culturais genuinamente brasileiras” (p. 50).

Nesse cenário, surge na Bahia uma nova estratégia de sobrevivência da capoeira. Através da astúcia dos mestres Bimba e Pastinha a capoeira deixa a rua e se estabelece enquanto luta e esporte em espaços fechados e privados, como academias. A capoeira passa a ser permitida somente de maneira normatizada, regulamentada e institucionalizada. Por ter sido aceita pelo poder constituído, essa nova forma de prática foi difundida em todo o Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, onde, até então, era considerada marginal.

Em 1940, por meio do Decreto Lei nº 2.848, o presidente Getúlio Vargas retira do Código Penal a capoeira como prática criminosa. Assim, a capoeira saiu oficialmente da prática criminal migrando para a prática desportiva. Essa mudança se deve à forma organizada pela qual a capoeira da Bahia (mestres Bimba e Pastinha) foi estruturada.

Por fim, o autor chega à formação e organização das rodas de capoeira nos dias de hoje, consideradas também como espaço de discussão de questões sociais. Ele defende essa tese apresentando sua pesquisa de campo, que estudou na prática como se dão as rodas de capoeira do Projeto “Conexão Carioca de Rodas de Rua”. Os depoimentos dos mestres e contramestres coletados enriquecem o trabalho e fortalecem muito o argumento do autor. A bibliografia utilizada no trabalho é rica, atual e variada, o que igualmente engrandece a pesquisa.

Acredito que o livro será de grande valia a todos os interessados em estudos e debates sobre a capoeira enquanto uma manifestação da cultura brasileira, trazendo aos leitores narrativas sobre a sua luta por sobrevivência, que, em um processo dialético, a obrigou a se reinventar em diferentes cenários e contextos históricos.

Luiza Helena Nunes Ermel
Janeiro de 2020



Introdução

A ideia de trabalhar as rodas de capoeira² como simbologia de resistência a um sistema dominante e afirmação da identidade cultural afro-brasileira, especificamente no Rio de Janeiro, surgiu no Programa de Pós-graduação em Responsabilidade Social e Terceiro Setor, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), durante a disciplina A Questão Social no Brasil, ministrada pela professora Laura Olivieri Carneiro.

Em suas abordagens relativas ao sistema escravista como uma engrenagem que enraizou as relações sociais e caracterizou o desenvolvimento desigual do povo brasileiro, a “questão social” no Brasil se apresentava com a peculiaridade de um sistema colonial escravista no seio do capitalismo industrial mundial. Surgiram, então, as indagações: como foi que sobrevivemos a esse tipo de sistema? Quais foram as formas de resistência que a população excluída da sociedade forjou para sobreviver? Quais foram as consequências e o resultado desses atos? Em busca de respostas a essas perguntas, por meio de leituras e reflexões, foi preciso fazer uma investigação desde o período colonial até os dias de hoje e estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, trazendo à tona as configurações do passado, reconfiguradas nos dias de hoje. Em outras palavras, fez-se necessário trazer à luz as manifestações de luta, sobrevivência e resistência da sociedade do passado e observar como são reinventadas nos dias atuais. Para tanto, busquei expor as percepções dos mestres e contramestres entrevistados durante a pesquisa do Trabalho Final de Curso (TCC) sobre os significados de “resistência” e “identidade cultural afro-brasileira”, a partir de suas práticas e vivências na capoeira e de suas reflexões sobre as expressões da questão social do Brasil, sentidas e enfrentadas em seu dia a dia.

O objetivo daquela pesquisa, que ora se apresenta em formato de livro, foi contribuir para uma reflexão sobre as expressões da

² No dia 15 de julho de 2008, a capoeira foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. No dia 26 de novembro de 2014, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) reconheceu a roda de capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.